

Bernardo Santareno • Hélder Costa  
J. Gomes Ferreira • Carlos Coutinho  
J. Salazar Sampaio • L. Francisco Rebello  
Mário de Carvalho • Virgílio Martinho

# **DRAMATURGIA DE ABRIL**

Sociedade Portuguesa de Autores  
Publicações Dom Quixote

BERNARDO SANTARENO • CARLOS COUTINHO  
HÉLDER COSTA • JAIME SALAZAR SAMPAIO  
JOSÉ GOMES FERREIRA • LUIZ FRANCISCO REBELLO  
MÁRIO DE CARVALHO • VIRGÍLIO MARTINHO

## DRAMATURGIA DE ABRIL

8 peças em 1 acto

Prefácio de CARLOS PORTO

SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES/PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE

LISBOA

1994

Biblioteca Nacional – Catalogação na Publicação

Dramaturgia de Abril: 8 peças em 1 acto

Bernardo Santareno... [et al.]

(Autores de língua portuguesa)

ISBN 972-20-1211-8

I – Santareno, Bernardo, pseud.

CDU 821. 134. 3-2 “19”



**Publicações Dom Quixote, Lda.**

Rua Luciano Cordeiro, 116, 2.º

1098 Lisboa Codex – Portugal

Reservados todos os direitos  
de acordo com a legislação em vigor

© Autores, Sociedade Portuguesa de Autores, 1994

1.ª edição: Dezembro de 1994

Depósito Legal n.º 84245/94

Fotocomposição: Alfabeto – Publicações e Artes Gráficas, Lda.  
Impressão e Acabamento: Gráfica Manuel Barbosa & Filhos, Lda.

ISBN: 972-20-1211-8



## O SENTIDO DA EPOPEIA

de

MÁRIO DE CARVALHO

Extraído do volume *Água em Dorso de Pato* (Caminho, 1991)  
Representado pelo grupo «O Bando» em 1986 numa encenação de João Brites,  
com o título *Estilhaços*, interpretado por Maria Emília Correia,  
Márcia Breia e Pompeu José.

## PERSONAGENS

MARIANA  
NOÉMIA  
OCTÁVIO

MARIANA — Uma mulher.

NOÉMIA — Outra mulher.

MARIANA — Uma mulher.

NOÉMIA — Uma mulher também.

MARIANA — Mais uma mulher.

NOÉMIA — Uma mulher também.

MARIANA — Mais uma mulher.

NOÉMIA — Ainda outra mulher.

MARIANA — Uma mulher também.

## 1. A CHEGADA

*NOÉMIA E MARIANA chegam a uma pensão, numa terra alentejana, onde decidem passar uns dias, longe de tudo. As duas amigas têm mais de quarenta anos. Vestem bem.*

*Já no quarto, vão alegremente atirando a bagagem para cima da cama.*

MARIANA – Uma mala!

NOÉMIA – Outra mala!

MARIANA – Um saco!

NOÉMIA – Um casaco felpudo!

MARIANA – Mais outra mala!

NOÉMIA – Uns óculos escuros!

MARIANA – Mais um saco...

NOÉMIA – Ainda outro saco...

MARIANA – Uma máquina de escrev...



NOÉMIA – Eh, lá, isso não, não me atires a máquina de escrever!

MARIANA – Uma maleta!

NOÉMIA – Hum, os lençóis cheiram a mofo...

MARIANA – Cheira tudo a bafio. É de estar fechado. Vamos lá arejar isto...

NOÉMIA – A janela está um bocado perra. Estes tipos ainda não descobriram o alumínio...

MARIANA – Ainda bem!

NOÉMIA – Dá aqui uma ajuda... Olha, sempre julguei que a vista fosse melhor... Construíram para ali uns casinhotos ou lá o que é aquilo...

MARIANA – «Cabanejos»! Mas, também, que querias tu ver?

NOÉMIA – Olha, ao menos, sobreiros...

MARIANA – «Chaparros»! Ai achei tanta graça ao homem...

NOÉMIA – Qual, ao pastor?

MARIANA – Ao pastor: «Montevedro é já além à drêta daquele chaparro. Havera de lá estar uma tabuleta mas os moços dum cabrão deram cabo dela...»

NOÉMIA – «Já além»... Vinte quilómetros de estrada ruim.

MARIANA – O ar é puro. Vamos cá ter uma destas orgias de oxigénio...

NOÉMIA – À falta de melhor.

MARIANA – Talvez se arranje. Quem sabe?



NOÉMIA – Ih, a cama range que se farta...

MARIANA – O meu inalador? Queres ver que me esqueci do inalador? Ah está aqui... Que alívio. Preciso de ter o inalador sempre à mão. O ar é puro mas, às vezes, a humidade...

MARIANA – Ah, cá estamos...

NOÉMIA – Cá estamos...

MARIANA – Bah, estou cheia de pó. O estupor da estrada... Sinto-me toda peganhenta.

NOÉMIA – Também eu. Olha! Olha!

MARIANA – Tenho de tomar um duche.

NOÉMIA – Eu também. Espero que tenham a água quente ligada... Vai tu primeiro.

MARIANA – Não, não, primeiro tu!

NOÉMIA – Vá lá...

MARIANA – Ai que cerimónias. Olha, tiramos à sorte. «Um dó li tá, cara de amendoá, um soneto coloreto, um dó li tá...» Vês? Calhou-te a ti...

## 2. REMINISCÊNCIA

MARIANA – Ao passar por Évora bem podíamos ter ido ver o Octávio.

NOÉMIA – Sabes, quando eu estou a conduzir e tenho um destino não gosto de parar a meio. É tudo de fiada... Não descanso enquanto não chegar ao fim da linha. Sempre fui assim...



MARIANA – Também, era só um pequeno desvio...

NOÉMIA – Além disso parece-me incorrecto aparecer em casa das pessoas sem avisar primeiro. Aliás, em qualquer altura podemos passar por lá. Não fica muito longe... É já além, como dizem aqui na região.

MARIANA – Eu estive para te dizer, mas depois não... Achas que ele gostava de nos ver?

NOÉMIA – Quem sabe? As pessoas, nas circunstâncias em que ele se encontra, às vezes tornam-se azedas...

MARIANA – Mas, bem vês, passarmos mesmo ali a dois passos e... Noémia!

NOÉMIA – Hum...

MARIANA – Vamos lá um dia destes, está combinado?

NOÉMIA – Vamos, pois. Amanhã, ou assim...

MARIANA – Os amigos são para as ocasiões, não é?

NOÉMIA – Temos que lá ir mas não é para cumprir provérbios, não é por convenção social. É porque era nosso amigo, ou melhor, é nosso amigo, e gostamos dele.

MARIANA – Ah, claro, claro...

NOÉMIA – Onde é que te queres instalar?

MARIANA – Quê?

NOÉMIA – Pergunto onde é que te queres instalar. Na mesa de camilha ou na secretária? A mim tanto se me dá... Trabalho bem em qualquer lado.

MARIANA – Então, pronto, fica tu com a mesinha que eu tenho mais papéis...



Era um miúdo tão giro.

NOÉMIA – O Octávio? Pois era...

MARIANA – Encarava a vida com uma grande frescura. Espan-tava-se com tudo, mesmo com pequenas insignificâncias. Era capaz de estar a falar connosco e interromper-se para dizer, encantado: «Olha um melro, viste aquele melro?»

NOÉMIA – Sim, distraía-se um bocado...

MARIANA – Às vezes dava-me a impressão de que não me le-vava muito a sério. Tratava-me como uma miúda. Era muito delicado, muito cauteloso comigo. Nunca me exigia que fizesse esta ou aquela tarefa. Pedia sempre: «Mariana, tu não te importavas de...»

NOÉMIA – E o que eras tu, senão uma miúda?

MARIANA – E ele? E ele? E tu? E tu?  
Olha, vou-te pagar a gasolina.

NOÉMIA – Agora? Tu estás maluca... Fazemos as contas no fim...

### 3. REVIVALISMO...

MARIANA – Deve haver mosquitos, à noite. Vi uns velhos sen-tados com mata-moscas na mão. Há-de haver por aqui mos-quitada em barda...

NOÉMIA – A mim não me incomodam...

MARIANA – Não? Nem as melgas? Que sorte. Cá a mim, é cada baba...

NOÉMIA – Que estás a fazer? Deixa estar isso. Há tempo para arrumar...